

DOCTRINA DA MEDIEDADE EM ARISTÓTELES: RELEVÂNCIA MORAL NO ÂMBITO PRÁTICO

SILVEIRA, Karina Ferreira
Universidade Federal de Pelotas- Filosofia/ISP

HOBUSS, João
Universidade Federal de Pelotas- Filosofia/ISP

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho concentra-se em uma análise e compreensão da doutrina aristotélica da mediedade, que desempenha, ao mesmo tempo, um papel quantitativo e qualitativo na definição da virtude moral. A ética de Aristóteles é uma ética que pressupõe a responsabilidade moral, e por isso esta tem um grande papel na filosofia prática. A intenção é mostrar a relevância de tal responsabilidade moral no âmbito da ação moral, utilizando-se da especificidade do conceito de mediedade que é relativa a nós, e está em conformidade com as circunstâncias da ação. Também tenho como objetivo explicitar brevemente os conceitos de disposição de caráter e escolha deliberada em que o sujeito virtuoso e participante da *polis* está inserido.

Aristóteles tem consciência de que ser um *phronimos* (prudente) é um caminho difícil de ser alcançado, e por isso, estabelece várias divisões de conceitos ao longo de sua obra, desde a *Eudaimonia*, ao direito natural do homem até uma ética do dever da ação, de regras particulares, que aqui saliento a ideia do justo meio. Logo, para chegarmos à concepção de mediedade é necessário termos com clareza o conhecimento de virtude que está concatenada a ação moral do sujeito que visa o fim bom, que age através do meio-termo entre o excesso e a falta, dependendo da circunstância.

Com isso, a relevância desta discussão é de evidenciar os principais caminhos a se alcançar a virtude, desejando alcançar a *phronesis* (prudência), a partir de um critério moral onde a virtude precede da mediedade (*mesotês*).

2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolve-se por meio de uma análise e leitura dos textos, sobretudo, de uma das obras mais importantes de Aristóteles, *A Ética Nicomaquéia*, detalhando-se ainda, no livro II. Saliento a importância da leitura dos principais comentadores, por conseguinte, seus argumentos referentes a esta temática, bem como Gauthier, Zingano e Barnes, que na maioria das vezes colaboram para uma melhor compreensão das ideias Aristotélicas, mesmo havendo algumas objeções ao real significado de sua doutrina. Não me deterei, entretanto, neste momento, nos argumentos e comentários destes, mas buscarei somente evidenciar as definições de virtude moral e o motivo da importância do conceito de mediedade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresento em linhas gerais, os argumentos que nos levam a compreender a importância do conceito de mediedade em Aristóteles, defendendo seu aspecto quantitativo e qualitativo. Para isso, recorro à principal obra do corpus Aristotélico, *A Ética Nicomaquéia*, sobretudo, no capítulo II da mesma.

Para melhor entendimento do que seja a mediedade (*mesotês*), é necessário explicar que a mesma tem papel importante no que concerne à teoria da ação. Aristóteles dentre as várias divisões e definições de conceitos, atribuiu à virtude como possuindo dois aspectos, isto é, a virtude enquanto gênero (ou emoções, ou capacidades ou disposições), e virtude enquanto diferença específica (mediedade). Saliento que é na diferença específica que está o ponto central da doutrina Aristotélica, por ser uma ética da responsabilidade e de utilidade prática, o sujeito virtuoso busca a mediedade entre o excesso e a falta. Ainda, que seja difícil determinar as ações e emoções, pelo fato de as disposições algumas vezes faltarem e em outras excederem, afirmo que não há meio termo do excesso e da falta, logo a virtude é uma mediedade relativa a nós, a qual é racionalmente determinada pelo prudente. A virtude moral é alcançada somente por meio da mediedade na ação moral do sujeito, e Aristóteles afirma isto em 1106b 36- 1107^a 2: "(...) a virtude é uma disposição de agir de uma maneira deliberada, consistindo em uma mediedade relativa a nós, a qual é racionalmente determinada e como determinaria o prudente"

Por isso, através da diferença específica da virtude moral, o indivíduo virtuoso escolhe e delibera sobre os meios pelos quais ele vai acabar por definir sua disposição de caráter (gênero). A mediedade é uma disposição no momento em que o sujeito escolhe bem agir, e com isto, podemos afirmar que esta ação acontece porque o homem participa de uma parte racional. No que diz respeito às emoções, o indivíduo deve deliberar sobre a mediedade entre o excesso e a falta, por exemplo, em relação aos sentimentos de medo e de confiança, o meio termo é a coragem, sendo a melhor forma de agir sobre a circunstância particular, garantindo a correção dos fins.

A ética de Aristóteles descarta totalmente a ideia de regras universais, assim como nas circunstâncias a ação é diferenciada, assim também a escolha da ação deve ser conforme a especificidade e a particularidade da mesma. Visando, portanto, o bem, a ética aristotélica busca a efetivação da ação virtuosa, tendo como objetivo alcançar a excelência moral. Todos os conceitos estão concatenados, escolha, deliberação, disposição, caráter e mediedade, que acabam por nos remeter a um caminho, o da ação virtuosa em vista de tornar-se o *phronimos* (prudente).

Com isso, defino a mediedade como a essência da virtude, sendo seu aspecto quantitativo e qualitativo, por estar em conformidade com a ação e elucidar a necessidade de colocá-la em prática. A mediedade não se trata de um mero conselho, como muitos comentadores afirmam: ela se caracteriza em observar e considerar as circunstâncias da ação, bem como praticá-la em seu momento oportuno. E isto vai além de um conhecimento teórico, nos revelando um caráter moral de âmbito prático, respeitando as regras morais existentes e, sobretudo, visando o bem viver.

4. CONCLUSÃO

A partir da leitura da principal obra ética de Aristóteles, concluo que, podemos retirar dessas leituras várias interpretações acerca da doutrina da mediedade. Mas defendo que é evidente a pretensão de Aristóteles com esta

doutrina da mediedade, em caracterizar o que é virtude moral, tendo em vista que a mediedade é a base para a escolha correta. Assim, a doutrina da mediedade é fundamental para compreendermos a teoria da virtude moral, pois é o alicerce para a ação moral do sujeito virtuoso.

É difícil determinar como, quando, quanto, em vista do que e a quem fazer tal ação da melhor forma. Portanto, primeiramente devemos nos apartar do que é mais contrário ao justo meio, isto é, a vida de prazeres e as supostas inclinações ao erro que somos propensos. E assim, constituiremos uma vida em seu sentido pleno, uma vida de boas ações, uma vida virtuosa tendo como o fim a ser alcançado a *Eudaimonia* (felicidade).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 2000.

_____. *Nicomachean Ethics* (translated with introduction, notes, and glossary, by Terence Irwin). 2ª Ed. Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1999.

HOBUSS, João. *Virtude e mediedade em Aristóteles*. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2009.

_____. Sobre a mediedade em Aristóteles: generalização e circunstância. *Ethic@*, Florianópolis, v.3, n.1, p. 47-60. Jun 2004.

ZINGANO, Marco. *Aristóteles: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13- III 8*. São Paulo: Odysseus editora, 2008.